

# Títulos de notícias: o que nos dizem, como nos dizem<sup>1</sup>

## News titles: what they say, how they say it

Maria Filomena Barradas

### Resumo

Na presente comunicação, ter-se-á como *corpus* de análise alguns títulos de primeira página do semanário *O Independente*.

Com funções informativas e apelativas, os títulos observados retiram a sua força de dispositivos retóricos como a ironia, a metáfora e a metonímia. Comumente designadas como “figuras de estilo” e consideradas como um ornato do discurso, ver-se-á como estas figuras são consubstanciais a qualquer discurso, já que é através delas que o pensamento toma forma, sendo, por isso, fundamentais para qualquer estratégia comunicacional.

**Palavras-chave:** títulos; primeira página; dispositivos retóricos; *O Independente*

### Abstract

In this paper, some of the front page titles of the weekly newspaper *O Independente* will be taken into account.

These titles are both informative and compelling, and their strength can be explained by the use of rhetorical devices such as irony, metaphor and metonymy. Commonly referred as “figures of speech” and regarded as ornament, we will see how that these devices are intrinsic to any discourse. In fact, it is through them that thought takes shape, being, therefore, so they are crucial to any strategy communication.

**Key words:** titles; front page; rhetoric devices; *O Independente*

Um dos aspectos unanimemente apontados como inovador e distintivo d’*O Independente* relaciona-se com o seu “estilo”. Este aspecto relaciona-se com a enunciação e com o discurso adoptado dentro de uma redacção. As suas características distintivas tornam-no facilmente identificável e permitem integrar a publicação em categorias, como sejam a imprensa de referência ou a imprensa tablóide.

Nesse sentido, o estilo tem que ver, portanto, quer com os eventos que são noticiáveis pelos jornais, quer com o modo como tais eventos são trabalhados na sua transposição para a escrita.

O Estatuto Editorial d’*O Independente*, ao definir como linhas mestras a visão conservadora, a defesa do liberalismo económico, a crença nas elites e a defesa daquilo que é português, dava pistas importantes no que respeita àquela que era a cultura de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

redacção do jornal. Em simultâneo, as mudanças políticas, sociais e económicas verificadas em Portugal exigiam um novo tipo de discurso jornalístico, a que *O Independente* procurará (com sucesso) dar forma.

A consciência de que existia um estilo “à *Independente*”, distinto em relação a outros órgãos de imprensa, fica clara, nomeadamente na comemoração do primeiro aniversário, onde, numa reportagem assinada por Helena Sanches Osório, a jornalista afirma, peremptória, que

“modificámos completamente as relações displicentes que se tinham estabelecido entre os que podem ser objecto de notícia e os jornais e entre estes e o público”<sup>1</sup>.

*O Independente* desejava conquistar leitores junto de um público heterogéneo, no momento histórico que representava a consolidação da democracia portuguesa, pelo que era urgente inventar uma forma de contar que fosse distinta, encontrando uma retórica, isto é, uma forma de conformação dos pensamentos em palavras, com a qual os leitores se identificassem. Por isso, o jornal adopta um registo próximo da coloquialidade e do conversacional – ou, dito de outro modo – um registo popular. No entanto, esta popularização foi, a muitos níveis, apenas aparente, pois *O Independente* dava destaque a assuntos que são eminentemente do âmbito da “imprensa séria” e o leitor do semanário é jovem, urbano, letrado e cosmopolita, um perfil que se afasta do perfil do leitor de tablóides<sup>2</sup>.

As primeiras páginas são um dos aspectos mais eloquentes da criação de uma retórica própria n’*O Independente*: nelas pontificavam imagens e manchetes apelativas, que, ao chamarem a atenção do leitor e ao despertarem a sua curiosidade, conduziam à compra do jornal. As estratégias usadas nas manchetes, como se verá, entroncavam no eficiente uso de certos dispositivos retóricos, propiciadores da persuasão pela emoção.

A consciência de que existia um modo particular no que dizia respeito à criação das primeiras páginas e dos títulos das notícias n’*O Independente* é confirmada em “A verdade a que temos direito”<sup>3</sup>, uma reportagem assinada por Helena Sanches Osório, com fotografias de Inês Gonçalves e publicada no primeiro aniversário do semanário:

“(…) as atenções foram-se voltando cada vez mais para a hilariante tarefa de encontrar notícias.

O grande jogo passou a ser a perseguição da magnífica novidade que possa figurar na página um. Só é incómodo quando aparecem muitas porque desgraçadamente a capa é só uma. Até já pensámos, com o sucesso que este entretenimento está a ter, reivindicar seis ou sete páginas. (...)

Fazer títulos é outro dos divertimentos que preenchem as noites de quarta e quinta-feira. Surgem coisas tão estranhas que, por vezes, é necessário fazer intervalos de meia hora para recuperar o fôlego perdido no coro de uivos e gargalhadas que se seguem às soluções mais disparatadas dos vários cantos da sala.

Um dia – mais propriamente uma madrugada – depois de ter escrito uma trágica entrevista com Zita Seabra (que fora expulsa do Comité Central do seu partido) implorei a ajuda do pessoal para titular a peça. “Foi-se”, sugeriu João Bugalho. “Foi-se a Martelo”, acrescentou o “genial” Jorge Colombo.”

Decidir qual a manchete adequada à primeira página ou quais os títulos das notícias era, de acordo com este testemunho, uma tarefa em que toda a redacção colaborava e que era executada sob os signos da camaradagem, entreadjudada e boa disposição.

Ora, pode comparar-se a primeira página do jornal com a capa de um livro; no entanto, tem de se conceder desde logo que, embora ambas sirvam o objectivo de traçar uma fronteira e estabelecer uma individualidade entre objectos semelhantes, ambas têm regimes de funcionamento muito distintos.

Assim, ainda que a capa do livro possa variar de edição para edição, tal variabilidade é infinitamente menor do que num jornal. Cada número do jornal corresponde a uma nova edição, em que não só a primeira página varia, como todo o conteúdo é novo, mantendo-se o nome do jornal e o estilo – o nome e a personalidade – usados como elementos unificadores, pois são eles que revelam a identidade do periódico.

É na primeira página que o jornal destaca aquelas que considera serem as notícias mais relevantes, pelo que a escolha de títulos para elas é fundamental, como esclarece Estrela Serrano (2006: 305-306):

“No título, o jornal indica duas coisas: informa sobre um assunto e mostra que informa. É no título que o acontecimento se expõe primeiro à compreensão dos leitores e é através dele que o jornal mostra o valor que atribui à informação.

Titular é uma das operações mais complexas do processo de produção de um texto jornalístico: implica dar o máximo de informação, num espaço limitado, o que significa condensar, com rigor, os dados disponíveis.”

Para o seu estudo, que incidiu sobre a cobertura das eleições presidenciais nacionais (1976-2001), Estrela Serrano desenvolveu um esquema tipológico das funções dos títulos, que a seguir se adapta<sup>4</sup>:

1. Títulos informativos indicativos - identificam o acontecimento, sem pressupor qualquer tipo de conhecimento anterior do destinatário sobre o contexto; enfocam nas questões *Quem? O Quê? Onde? e Quando?*.
2. Títulos informativos explicativos – indicam sinteticamente as causas ou consequências de um acontecimento; respondem à pergunta *Como?*
3. Títulos expressivos (apelativos, lúdicos e interrogativos)<sup>5</sup> – predominam as funções poética, fática, conotativa e expressiva da linguagem; neles invoca--se um facto que se presume conhecido e procura-se a sensação e a dramatização. O trocadilho, a alusão e a interrogação são usados com frequência e com eles procura estabelecer-se uma ligação com o leitor.
4. Títulos categoriais – indicam a categoria ou tema, sem sintetizar o conteúdo.
5. Títulos declarativos – recorrem a uma citação atribuída a uma personalidade ou entidade externa ao jornal.

Embora seja possível encontrar exemplos dos outros tipos de títulos, n' *O Independente* preponderam os títulos expressivos, como se pode verificar no quadro 1.

**Quadro 1 – Títulos Expressivos n' *O Independente* (corpus exemplificativo)**

Antetítulo	Manchete	Sumário
Lisboa, Porto, Alentejo e S. Bento	HÁ GUERRILHAS NO CAVAQUISTÃO	O PSD é o maior partido português. Não é unânime nem podia ser. Há lutas, apesar de Cavaco. Há divergências, mesmo com Cavaco. Há ambições, ao lado de Cavaco. O Primeiro-Ministro é incontestado mas o partido está a mexer. Em vésperas do Congresso, <i>O Independente</i> faz o balanço de seis casos polémicos. E ouve Santana Lopes, o homem que abriu a crise em Lisboa e diz que o Norte tem peso a mais no PSD. Págs. 2, 3 e 4. [3/06/1988]

Antetítulo	Manchete	Sumário
Cavaco Silva pode dar um banco à UGT	O BANQUEIRO DO POVO	Quando fez o acordo com Cavaco, o líder da UGT já sabia que o Governo estava disposto, agora, a dar-lhe o banco que sempre quis. Um secretário de Estado ofereceu aos sindicatos a entrada na Caixa Económica. Mas Torres Couto prefere um banco novinho em folha e não deseja herdar prejuízos. Seja amanhã, seja depois, Torres Couto vai cobrar de Cavaco Silva uma autorização. Para ser um capitalista em nome do povo. A história na pág. 2. E mais a crise da UGT. [3/02/1989]
Toda a história secreta da remodelação	O CAÇA MINISTROS	Eurico de Melo foi desautorizado duas vezes. Demitiu-se. Está ofendido com Cavaco. Queria sair sozinho. Fernando Nogueira tomou conta da crise. Em três dias alucinantes, sucederam-se os convites. Cadilhe está irado mas Beleza tem lugar prometido. Pimenta recusou o Ambiente. Saiba toda a intriga, o relato das conversas com os ministros e os nomes dos novos secretários de Estado. Páginas 2 a 7 e 36. [5/01/1990]
O negócio secreto da amnistia de Otelo	TUDO BONS RAPAZES	Almeida Santos fez a lei. Vítor Gonçalves representa as FP-25. Montalvão Machado fala pela maioria. São os negociadores secretos da amnistia. Soares quer Otelo livre nos próximos quinze dias, o ministro da Justiça convenceu Cavaco a aceitar sob condições. Discute-se dinheiro para as vítimas, as promessas dos presos, um perdão especial para os autores materiais dos crimes e até uma amnistia geral. Dossier de sete páginas. [28/12/1990]
[Inexistente]	DUELO NO DESERTO	A guerra avança para o deserto, Hercules portugueses transportam patriots, embaixador do Iraque pede asilo. Os aliados já desembarcaram numa ilha de Saddam. Tudo sobre a guerra em 26 páginas. [25/01/1991]
Lei secreta aumenta brutalmente os impostos	TAXA E ESFOLA	Vem aí depois das eleições. Está fechado a sete chaves. É um código que manda avaliar de novo todos os prédios de Portugal. Na cidade e no campo. O governo já tem os testes. Dão resultados incríveis. Um andar pobre no Porto aumenta 98%. Vivenda em Cascais sobe 2370%. Casa no Algarve e herdade no Alentejo pagarão 100 vezes mais. E há casos no Minho de 70000% de aumento. <i>O Independente</i> divulga o código e revela os testes, o governo defende-se. Todos os segredos de uma revolução nos impostos. Páginas 2, 3 e 4. [14/06/1991]
Grande burla de Sousa Cintra no Sporting	O LEÃO MOSTRA A SUA FRAUDE	Documentos provam que Sousa Cintra meteu o Sporting na fraude fiscal. São só declarações falsas. Ele paga 2 mil contos a jogadores, mas declara que ganham 40 contos. Só no ano passado, a burla atingiu 100 mil contos. É o património de Alvalade que fica em risco. Toda a história, com as provas, nas págs. 44 e 45. [6/12/1991]
Exclusivo: Chefe da Casa Civil demite-se de Belém	CONVERSA AFIADA	O homem-sombra do Palácio de Belém demitiu-se. Alfredo Barroso é sobrinho do Presidente e chefe da sua Casa Civil. Foi o braço direito de Mário Soares. Os dois tiveram uma discussão muito violenta. Mário Soares atacou o sobrinho por causa das fugas de informação. E mostrou ter perdido a confiança nele. Alfredo não hesitou: escreveu a carta de demissão e Soares não lhe responde. A intriga e toda a história do palácio presidencial. Página 4. [3/01/1992]
[Inexistente]	O TRAMADO DE MAASTRICHT	Um grande <i>dossier</i> de 11 páginas. [5/06/1992]
Cavaco Silva retira poderes a Braga de Macedo	A QUEDA DO ANJO	Cavaco Silva deixou o ministro das Finanças de fora na reunião com os sindicatos. Tirou-lhe o protagonismo nas taxas de juro. Despacha directamente com dois dos seus secretários de Estado. Em Conselho de ministros, devolve-lhe os diplomas. É a queda livre do ministro das Finanças. Página 9. [8/01/1993]
Exclusivo: Nova lei dos	ABRE-TE SILVA	Cavaco cedeu. O PSD já decidiu que as declarações de

Antetítulo	Manchete	Sumário
rendimentos dos políticos		rendimentos dos políticos vão ser, finalmente, públicas. Mas só durante trinta dias, de quatro em quatro anos, defendem os mais renitentes. Nas leis que o PSD vai apresentar, também, há outra cedência: passar a haver limites para os donativos das empresas e dos particulares aos partidos. A história na Pág. 7. [28/05/1993]
PJ investiga director dos fundos europeus	TRIPA FORRA	É o último desmando do Fundo Social Europeu. O homem que gere os fundos comunitários acaba de retirar 126 mil contos à segurança social, tudo para pagar uma revista a um jornalista que o estava a investigar. O pior é q o dinheiro foi levantado sem autorização de Bruxelas. Há indícios de crime e o procurador abriu um inquérito. Toda a história nas págs. 2 e 3. [26/11/1993]
Congresso de Soares dá guerra com Guterres	SANGUE SOARES E LÁGRIMAS	Mário Soares quer juntar toda a oposição num congresso. António Guterres não gostou de se ver ultrapassado. Os dirigentes do PS que lhe são mais chegados já criticaram o palácio de Belém. Mas Soares está tão empenhado que combinou o discurso de Ano Novo com o manifesto do Congresso. É a história de alta tensão na esquerda – págs. 2 e 3. [7/01/1994]
Dois deputados receberam 13 500 contos em troca de influências	OS DEPUTADOS VAMPIROS	Dois deputados. Um do PSD, outro do PS. Receberam 13 500 contos de um empresário em dificuldades. Prometeram-lhe influências e negócios, com o Estado e com as câmaras. Não fizeram nada e fugiram ao fisco. Toda a história nas págs. 6 e 7. [6/01/1995]
Soares desconfia de negócio que poupa 14 milhões aos privados	PETROGOLPE	Soares está a ser pressionado para assinar o decreto mais caro do ano. Mas desconfia das pressões do seu amigo Monjardino. Em sete dias, o ministro Catroga decidiu perdoar 14 milhões de contos aos privados da Petrogal e refazer uma lei à sua medida. Por isso, vai demitir a administração na terça-feira e, de caminho, vai lá meter um assessor. É a história secreta de uma estranha privatização. Pág. 6. [26/05/1995]

Como se pode verificar, estas manchetes expressivas são acompanhadas por um antetítulo e por um sumário, graças aos quais se resumem os aspectos mais relevantes da peça e se contextualiza a informação, o que determina que a manchete se inscreva numa estrutura informativa indicativa. A missão do antetítulo e do sumário é, portanto, ajudar o leitor a decifrar uma manchete que é, quase sempre, obscura.

Perante manchetes como A QUEDA DO ANJO que deve inferir o leitor?

O leitor pode associar a “queda do anjo” à crença judaico-cristã que afirma a existência de seres espirituais (os anjos) que abandonaram ou foram expulsos do Céu, tornando-se demónios. Se o leitor for suficientemente erudito reconhecerá na manchete uma menção ao romance de Camilo Castelo Branco, *A Queda Dum Anjo* (1866), onde se relata como o morgado Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda passa de uma vida incorrupta para uma vida corrupta, ao tornar-se deputado e ao trocar a província por Lisboa. Por qual destas possibilidades de leitura optar? Provavelmente, pelas duas. O antetítulo e o

sumário esclarecem que a manchete remete para uma notícia de âmbito político, escolhida pelo seu valor-notícia, isto é, pelo seu potencial para se transformar numa “história” interessante para a audiência, ou algo que lhe dê uma relevância apelativa” (McQuail, 2003:345); mas a sua eficácia expressiva resulta das possibilidades de leitura invocadas e da sua adequação aos eventos que serão divulgados na notícia. É que a manchete não só é um apelo dirigido à audiência, como também é uma forma de acrescentar valor à própria peça jornalística, dela dependendo, em larga medida, a compra e leitura do jornal.

Se das manchetes dependem a compra e a leitura do jornal, o mesmo é dizer que elas têm associado um poder argumentativo, que deriva da aplicação de princípios retóricos. Outrora conotada com a expressão eloquente, mas desprovida de conteúdo, ao ornato e ao tropo, entendidos como elementos decorativos na expressão linguística e literária, a Retórica tem vindo a ser reabilitada nas últimas décadas, sendo que alguns teóricos defendem que toda a língua, na sua realização como discurso, é retórica<sup>6</sup>.

Nesta concepção, as figuras de retórica não servem já como forma de embelezar a expressão linguística; elas são a própria matéria discursiva, pois são elas que permitem a expressão do pensamento, já que, como afirma Maria Lúcia Lepecki (2001:688),

“o pensamento depende da formulação discursiva para tomar existência enquanto interpretação da complexidade do mundo [pelo que] segue-se ser necessário atentar nas palavras para entender como se forma um pensamento.”

Desta forma, o elemento trópico está presente em todo o discurso, por mais realista que ele pretenda ser, pois é através dos tropos que o discurso constitui os seus objectos (White, 1985 [1978]:2).

Para Maria Lúcia Lepecki, metáfora, ironia e metonímia são os três principais mecanismos retóricos (ou tropos), já que é a eles que qualquer indivíduo deita mão quando pretende conformar os seus pensamentos em palavras<sup>7</sup> (Lepecki, 2001). Vejamos porquê.

A metáfora consiste em transferir a significação própria de uma palavra para outra palavra, através duma comparação que existe no espírito (Le Guern, 1973:11). Significa

isto que a metáfora permite agregar duas instâncias dissemelhantes numa única instância. Numa frase como “O João é burro”, está-se perante uma formulação metafórica, pois só a metáfora tem a capacidade de exprimir o sentido de uma propriedade comum – no caso, a falta de inteligência – entre duas entidades disjuntas, “O João” e “burro”. Por isso, graças à possibilidade retórica da metáfora, o enunciador consegue exprimir aquilo que, do seu ponto de vista, torna “O João” igual a um “burro”.

Por seu turno, a ironia é comumente entendida como dizer uma coisa pelo seu contrário. Assim, pegando no exemplo de cima, o significado da frase inverter-se-ia; quem a produziu já não quereria significar a falta de inteligência do indivíduo denotado como “O João”, mas precisamente o seu contrário, ou seja, o facto de “O João” ser um indivíduo de manifesta inteligência. No entanto, esta formulação revela-se insuficiente, porque o enunciado irónico, ao resultar de uma distância criada pelo enunciador em relação ao seu enunciado, exige um destinatário com capacidade interpretativa:

“Em presença dum enunciado irónico, duas coisas acontecem. Uma toda a gente sabe: deve-se “virar ao contrário” o que é dito. Uma segunda é a seguinte: quem enuncia ironicamente não só está mostrando conhecimento do assunto (conhece-o tão bem que até o sabe dizer pelo contrário), como também está apontando o seu estatuto de sujeito de conhecimento.

É o estatuto de sabedoria que dá direito, à pessoa irónica, de dizer *como quer*. Há, ainda, uma terceira coisa: quem fala ironicamente expressa confiança no seu interlocutor, espera que ele seja capaz de descodificar correctamente.”<sup>8</sup>

Assim, a ironia implica a manipulação de estratos de intenções, que precisam, por sua vez, de ser desdobrados e explicados – tarefa que caberá, por sua vez, à metonímia:

“Forma de pensamento tanto como recurso retórico, a metonímia como que cria as condições da sua própria existência, quando toma um elemento verbal (uma “realidade”) que entendemos como “um inteiro” e o desdobra em componentes menores (“partes de um todo”) também susceptíveis de serem objecto de atenção discursiva. Desde que tomem forma verbal, as componentes menores do todo podem ser contiguizadas no discurso. A consequência mais facilmente constatável dessa criação de condições para alargamento discursivo talvez seja a descrição (...)”<sup>9</sup>

A metonímia pode, assim, agir sobre os outros tropos – no caso, a metáfora e a ironia – e contribuir para explicar ou clarificar o que fora formulado através delas. Considere-se de novo o enunciado “O João é burro”. Já se viu como pode ser interpretado como uma metáfora – porque “O João” e o “burro” são ambos pouco inteligentes; ou como uma ironia – porque “O João” é bastante inteligente, afinal. A volta usada para explicar este raciocínio é, no entanto, de ordem metonímica. De facto, o desmembramento do



enunciado nos seus diferentes elementos exigiu raciocínio e esforço interpretativo; exigiu também a conformação daquilo que se pensou a uma estrutura discursiva. Por isso, à medida que se tenta explicar o sentido da frase “O João é burro”, o discurso expande-se, descobre novas direcções, desliza para novos sentidos e complexifica-se – algo que a metonímia permite.

Volte-se agora às manchetes elencadas no Quadro 1. Tendo por base este *corpus* exemplificativo, ver-se-á como os tropos da metáfora, da ironia e da metonímia se efectivam.

A primeira observação que é possível fazer é que as manchetes são apelativas, porque funcionam no regime da alusão, que pertence, de acordo com Lausberg, aos tropos de limite de pensamento. A alusão serve uma intenção lúdica, adequada quer para obscurecer o pensamento, quer para gracejar (§418). Acrescenta Lausberg que a alusão se usa para pôr à prova o ouvinte, no que se refere à sua cultura.

Ora, dizer que a alusão pertence ao âmbito dos tropos de alteração de limite é o mesmo que dizer que ela reflecte uma forma de pensamento metonímico: o locutor, ao fazer uma alusão, pretende provocar o pensamento e (eventualmente) o discurso do seu interlocutor. Assim, a simplicidade das manchetes é apenas aparente, pois o seu sentido só é decodificado quando o leitor desmancha o enunciado nos fios de pensamento que o teceram.

As alusões empregues nas manchetes remetem para títulos de filmes (O CAÇA-MINISTROS / *Os Caça Fantasmas* [*Ghostbusters*, 1984]; TUDO BONS RAPAZES / *Tudo Bons Rapazes* [*Goodfellas*, 1990]; SANGUE, SOARES E LÁGRIMAS/ *Sangue, Suor e Lágrimas* [*In Which We Serve*, 1943]; DUELO NO DESERTO/ *Duelo no Deserto* [*The Shooting*, 1968]); *slogans* publicitários (O LEÃO MOSTRA A SUA FRAUDE / “O leão mostra a sua raça”, *slogan* da Peugeot); expressões idiomáticas ou de domínio comum (TAXA E ESFOLA/ “mata e esfola”; ABRE-TE SILVA/ “abre-te sésamo”), explorando, também, as propriedades alusivas da sonoridade das palavras, como em PETROGOLPE, HÁ GUERRAS NO CAVAQUISTÃO ou O TRAMADO DE MAASTRICHT.

As manchetes obedecem também a uma motivação irónica. Como já foi referido, a ironia marca uma desvinculação entre o enunciador e o enunciado que produz; essa distância tem de ser reconhecida pelo destinatário da mensagem, enquanto sujeito cuja missão é reconverter o enunciado ao seu sentido original.

Por exemplo, quem conhecesse o filme *Tudo Bons Rapazes* saberia que as personagens principais são *gangsters*, pelo que a ironia do título do filme provavelmente se manteria na manchete – e os rapazes aludidos não seriam, afinal, “bons”. No entanto, a ironia age ainda de outras formas.

A escolha de títulos de filmes, expressões populares e *slogans* publicitários que são depois distorcidos ou reinventados nas manchetes é sinal de ironização. Como nota Lepecki (1988), o ironizador actua como sujeito de sabedoria: é porque domina uma série de conhecimentos (cinematográficos, linguísticos, de geopolítica, etc.) que quem faz a manchete da semana n’*O Independente*, pode escolher entre os referentes do seu universo e pode submeter esses mesmos referentes a um processo de distorção. Como pode dizer como lhe apetece, a manchete aparece como que desagarrada da notícia que deveria referir.

O bom entendimento da manchete passará, então, pela leitura dos sumários, que, ocorrendo também na primeira página, funcionam como *superleads* alargados das notícias e que são um primeiro esforço explicativo – metonímico – de um enunciado que era obscuro, que exigia esforço de interpretação, descodificação e raciocínio.

Assim, a expressividade das manchetes d’*O Independente* não corresponde a uma ornamentação do discurso; releva antes de uma forma específica de configuração discursiva que privilegia a enunciação irónica e alusiva e que obriga o leitor a um esforço de interpretação.

Se se aceitar o pressuposto de Maria Lúcia Lepecki de que as configurações textuais são a face visível de uma dada configuração de pensamento, então a formulação das manchetes d’*O Independente* traduz uma forma particular de mundividência e de ideologia.

Tomem-se as manchetes HÁ GUERRILHAS NO CAVAQUISTÃO e O TRAMADO DE MAASTRICHT. O termo “Cavaquistão”, cunhado pel’*O Independente* – e ainda hoje empregue –, simbolizava o distrito de Viseu, que sempre teve entre as maiores votações do PSD – e, por extensão, Portugal, que dera a maioria absoluta a Cavaco Silva. Trata-se de uma metáfora, cuja eficácia se realiza porque é coadjuvada por outros mecanismos, como o do trocadilho entre o nome do então primeiro-ministro, Cavaco Silva, e a evocação do nome de uma das repúblicas soviéticas, o Cazaquistão. Num momento em que se assistia à dissolução da URSS, chamar “Cavaquistão” a Portugal tinha ainda outras implicações. Poderia, por exemplo, significar que *O Independente* considerava a governação cavaquista pouco liberal do ponto de vista económico e que as “guerrilhas” eram travadas por aqueles que pretendiam a liberalização económica.

O posicionamento ideológico revelava-se de forma muito clara em O TRAMADO DE MAASTRICHT. O “tratado” converte-se em “tramado”, não só porque essa é uma boa maneira de explorar as potencialidades fonéticas da língua, mas, sobretudo porque “tramado” revelava o ponto de vista do semanário em relação ao Tratado da União Europeia, que era visto como uma forma de pôr em perigo (de “tramar”, portanto) a soberania nacional.

Neste sentido, as manchetes produzem um duplo efeito persuasivo: num primeiro momento, porque se recorreu a certas formas de configuração discursiva, as manchetes foram capazes de seduzir e excitar o leitor, levando-o a comprar o jornal; porém, esse trecho textual divertido, evocativo e provocatório pedia uma interpretação que fosse além da superfície. É nesse movimento de desvendar os sentidos propostos pela manchete que o leitor é persuadido de novo, pois é obrigado a reconhecer a autoridade de quem produziu aquela manchete e que mostrou virtuosismo no manuseio dos referentes.

A questão da autoridade é retomada nos antetítulos e sumários que acompanham a manchete. Ao contrário desta, que é dirigida à pura emoção do leitor, visando despertar a sua curiosidade, estimular a sua inteligência e espicaçar a sua argúcia, antetítulos e sumários visam uma ligação mais racional com o leitor, pois ensinam do que trata a peça jornalística que mereceu honras de destaque e indicam onde se pode ler tal peça. Não raro, antetítulos e entradas fazem do leitor uma testemunha privilegiada da

“história”, que é divulgada “em 1ª mão”, em “exclusivo”; uma história que é “secreta”, mas que graças a *O Independente* é “toda” revelada.

Este tipo de enunciação hiperbólica destinava-se a provocar a sensação e a superlativar o valor da informação, sendo, também, um argumento para o leitor que sentisse o apelo de ler *O Independente*, porque fica convencido de que aquilo que ia encontrar era notícias de valor bem definido, cujo escrutínio tinha estado a cargo de uma voz de autoridade.

---

<sup>1</sup> III:14-15, 19/06/89.

<sup>2</sup> A distinção entre aquilo que é a imprensa de elite (preocupada sobretudo com as questões da governação e da política, que trata os assuntos com sobriedade e que contrasta fontes e perspectivas) e a imprensa popular e tablóide (inclinada para o drama, o escândalo, o entretenimento e o imediatismo) cada vez é mais posta em causa, já que é preciso atender tanto às diferenças nos *media* (imprensa escrita, radiofónica, televisiva ou online regem-se por diferentes códigos), como aos contextos culturais de produção noticiosa, que variam de comunidade para comunidade e ao longo do tempo. Por outro lado, há que considerar que a crescente diluição das diferenças entre estes tipos de jornalismo parece ser um sinal da mudança cultural operada pela Pós-Modernidade. O “popular” deixa de ser conotado com inferioridade estética, equiparando-se àquilo que era do âmbito da “elite”. Assim, à medida que a fronteira entre a política (a imprensa séria) e o entretenimento (a imprensa popular ou tablóide) se esboroa, aquilo que era a pedra de toque do jornalismo fica ameaçada, já que o relato noticioso deixa de poder arrogar-se da sua “verdade”, uma vez que esta se multiplica em diferentes formas de contar, procurando ir ao encontro de diferentes públicos.

<sup>3</sup> 19/06/89, III:14-15.

<sup>4</sup> Cf. Serrano, 2006:307-308.

<sup>5</sup> Embora Estrela Serrano identifique três categorias distintas dentro dos “Títulos Expressivos” (títulos expressivos apelativos; títulos expressivos lúdicos e títulos expressivos interrogativos), considerou-se que tal divisão se revela difícil de traçar – pelo menos no que às manchetes d’*O Independente* respeita. Como se procurou demonstrar, o lúdico e o interrogativo são estratégias apelativas, destinando-se a estabelecer uma ligação com o leitor.

<sup>6</sup> A este propósito veja-se Lepecki, 2001 e White, 1985 [1978]. Seguindo a lição de Maria Lúcia Lepecki, grafou-se “Retórica” para fazer referência a um campo de estudo e de teorização e “retórica” para indicar um desempenho discursivo.

<sup>7</sup> Citando Kenneth Burke, Hayden White sustenta que são quatro os tropos-mestres (*master tropes*): metáfora, metonímia, sinédoque e ironia (White, 1985 [1978]:5).

Maria Lúcia Lepecki não considerou na sua análise a sinédoque, o que pode explicar-se pelo facto de este tropo poder ser entendido como um caso particular de metonímia, já que em ambos são “tropos de alteração do limite” e em ambos se opera a “deslocação vicinal dos limites do conteúdo conceptual de um corpo de palavra” (Lausberg, 1993 [1967]:§184).

No parágrafo 192, que dedica à sinédoque, Lausberg explica que a deslocação do sentido actua ao nível conceptual, afectando os limites entre género e espécie; entre a parte e o todo; entre a matéria fabricada e a matéria-prima. Numa frase como “A fera rosnou”, está-se perante uma sinédoque, já que o termo “fera” foi usado em vez do termo próprio, que seria “cão”, operando-se, assim, uma deslocação de sentido.

No que respeita à metonímia, Lausberg (§216) afirma que ela “consiste numa alteração da denominação fora do plano do conteúdo conceptual (...). Esta alteração movimenta-se nos planos que correspondem à implicação de um fenómeno da realidade com as realidades que o rodeiam (...)”. Assim, é afectada a relação entre, por exemplo, autor e obra (“Leio Eça de Queirós” em vez de “Leio o livro escrito por Eça de Queirós”); entre conteúdo e continente (“Só comi um prato de sopa” em vez de “Só comi a sopa que estava contida no prato”), entre outros.

A fronteira entre a metonímia e a sinédoque é, portanto, difusa e com tendência à sobreposição. Como se verá adiante, a metonímia raramente é entendida como uma forma de embelezar o discurso, pois as palavras são usadas no sentido próprio. No entanto, a sua natureza plástica permite tornar contíguo e pôr lado a lado diferentes elementos discursivos, contribuindo, assim, para a expansão do texto em diferentes direcções e sentidos.

A propósito ainda da questão da metáfora, da metonímia e da sinédoque veja-se *Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*, de Michel Le Guern. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Parutions/LeGuern/LeGuern.html>.

<sup>8</sup> Lepecki, 1988:190.

<sup>9</sup> Lepecki, 2001:693.

---

## Referências Bibliográficas

Biressi, A. and Nunn, H. (2008). *The Tabloid Culture Reader*. McGraw Hill/ Open University Press

Genette, Gérard (1987). *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil

Lausberg, Heinrich (1993 [1967]). *Elementos de Retórica Literária*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Le Guern, Michel. (1973). *Sémantique de la métaphore et de la métonymie*, Paris : Larousse. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Parutions/LeGuern/LeGuern.html>. Acesso: 7/02/2012

Lepecki, Maria Lúcia. (1988). “Para (não) dizer o contrário”. In *Sobreimpressões – Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*. Lisboa: Caminho.

———. (2001). “Metáfora, metonímia e construção do pensamento”. In AAVV. *Poiética do Mundo – Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves*. Lisboa: Colibri, pp. 687-696

Ponte, Cristina (2004). *Leitura das Notícias – Contributos para uma Análise do Discurso Jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte

Serrano, Estrela (2006). *Jornalismo Político em Portugal – A cobertura de eleições presidenciais na imprensa e na televisão (1976-2001)*. Lisboa: Edições Colibri/ Instituto Politécnico de Lisboa

White, Hayden. (1985 [1978]). *Tropics of Discourse – Essays in Cultural Criticism*. The Johns Hopkins University Press: Baltimore and London

## Notas sobre a Autora

**Maria Filomena Barradas**

[filomenab@gmail.com](mailto:filomenab@gmail.com)

ESTG/ IPP, C3I-IPP, CLEPUL-ULisboa.

Docente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Portalegre desde 1999. Licenciada em Estudos Portugueses (1998) e Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea (2003) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus estudos têm incidido especialmente sobre as relações entre literatura e jornalismo, sobre o género crónica e sobre a cultura portuguesa e a identidade nacional no final do século XX. Neste momento, aguarda a defesa da sua tese de doutoramento. É investigadora do Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre (C3i) e do CLEPUL.